

# Estratégias de investigação nas artes e no design

Fernando Poeiras

## 1. Introdução

A investigação académica e as práticas – artísticas ou de design – podem divergir entre si. Podem divergir quanto à finalidade a atingir, quanto aos seus processos<sup>1</sup> de desenvolvimento, e também quanto às suas formas de comunicação. Forçar essas práticas “divergentes”, mas extremamente relevantes, aos caminhos da investigação académica esteriliza-as. Neste caso, como podem ser ambas conciliadas dentro do contexto académico?

Recolhemos vários exemplos de relatórios e dissertações que podem servir para pensarmos sobre algumas formas de conciliação; e iremos também procurar respostas alternativas. Tendo em conta a especificidade dessas práticas e a ausência nos seus praticantes de algumas competências necessárias para a investigação, se não quisermos apenas lamentar os resultados fracos ou legitimar o lamentável, devemos procurar alternativas.

Uma das alternativas possíveis é regressar à investigação sobre as próprias práticas, mas, circunscrevendo este trabalho ao início de um processo de investigação mais amplo. Isso será possível, por exemplo, através da produção de documentação – i. e. a aquisição refletida, crítica e documentada, de diferentes competências técnicas, ou de saberes autóctone – ou, através da produção de texto “prático” – i. e. da exploração das relações entre os discursos e a prática, desde a memória descritiva ao diário, passando pela discussão em atelier – ou através de relatórios sobre os processos, podem ser obtidas etapas relevantes e preparatórias de uma investigação maior. Outra alternativa, igualmente relevante, será retomar a velha questão dos modos de pensamento e ação próprios de cada uma das áreas<sup>2</sup> e abandonar os objetivos e as formas inerentes à “investigação”.

Na atual conjuntura, de massificação do ensino, mas também de encurtamento dos tempos da formação prática, de competências limitadas de investigação e

até para a elaboração de textos, mas também de transformação real do mundo com os seus novos problemas e as suas novas oportunidades, o caminho das alternativas poderá ser o da heterogeneidade e não o da uniformização: diferentes tipos de documentação; diferentes tipos de escrita; diferentes tipos de relatório; etc. Mas também se deverá preservar a possibilidade de investigação académica e científica – na aceção mais estabelecida - para os alunos que o queiram fazer e prosseguir estudos, através de dissertações que resultem de uma investigação sistemática.

## **2. Investigação e projetos experimentais práticos**

Um projeto experimental prático – que é um tipo de prática – pode claramente contribuir para a área em que é realizado, pode ainda contribuir para a formação profissional e técnica do indivíduo ou da equipa envolvida no projeto, e pode até contribuir para a melhoria do nosso mundo, sem resultar de qualquer processo de investigação, e claro, pode também não resultar de uma investigação académica.

Por um lado, tomamos aqui partido contra o apagamento da distinção – que julgamos ser meramente retórica, mas estrategicamente consequente – entre investigação e prática, que algumas produções e discursos ao abrigo da designação geral “practice-based research” frequentemente provocam. As práticas nas artes e no design são variadas, e nem sempre as fronteiras entre práticas e investigação são fáceis de identificar e, dependendo do contexto, por vezes, nem sequer será pertinente traçar essa fronteira.

No entanto, mesmo no interior da (atual) “escola-empresa-centro de investigação-serviços à comunidade”<sup>3</sup>, e no interior do quadro de formatação, avaliação e financiamento destas atividades através de determinados indicadores quantitativos, a distinção entre investigação e prática continua relevante.

Uma investigação, no seu centro, tem como finalidade produzir um conhecimento validado e comunicável a uma comunidade. A academia é um dos contextos em que alguns tipos de investigação podem ser levados a cabo. Os meios de validação são muito diversos, assim como o grau de confiança que cada um deles permite ter sobre o conhecimento obtido; além disso, a sua comunicação admite alguma variedade e latitude; mas, em contexto académico, o relatório, o artigo, a monografia, a dissertação ou a tese (no caso dos doutoramentos) são formas suficientemente definidas<sup>4</sup>.

Afirmámos não querer sacrificar o critério do conhecimento validado e comunicável, em contexto académico; mas, também não queremos sacrificar aquelas práticas que são divergentes em relação aos procedimentos de investigação. Ou seja, também tomamos partido por aqueles casos da prática em que as suas finalidades, os seus processos de trabalho, e as suas formas de comunicação são estranhos à investigação e à investigação académica. A questão torna-se assim em contexto académico: como podem estas práticas ter lugar?

Neste passo, com o auxílio de vários autores, podemos fazer já algumas distinções dentro da prática: o conhecimento prático, o conhecimento tácito, o conhecimento na e sobre a prática.

Designamos como conhecimento prático, o saber que só se aprende através da prática<sup>5</sup>. Ou seja, é um saber sem qualquer tradução noutra domínio de conhecimento. Por exemplo: saber andar de bicicleta. Só podemos aprender, andando. E, aprendemos cumulativamente: do equilíbrio precário inicial vamos aprendendo (mesmo que não reflexivamente ou discursivamente) sobre o objeto bicicleta, sobre nós, sobre a interação entre nós e a bicicleta, e o equipamento adequado, o espaço e o tempo dos percursos, e eventualmente, a interação estratégica em qualquer situação de competição.

Deixemos de lado saber que tipo de saber é este, o “saber” andar de bicicleta. E deixemos de lado saber se muitas práticas que hoje se praticam na arte e no design são um conjunto de competências e saberes cumulativos, com uma comunidade e um tempo que as torna “objetivamente” avaliáveis, tal como o saber andar de bicicleta é. Onde queremos chegar é que um “conhecimento prático” pode ser estrategicamente documentado, através de muitos meios, pelo menos parcialmente. O que é extremamente relevante para a investigação nestas áreas.

O conhecimento tácito<sup>6</sup>, ou implícito numa prática, pode ser explicitado, e pode ter equivalente noutros domínios, nomeadamente em diferentes tipos de discurso ou de texto. Por exemplo, quando apesar de não termos pensado nisso previamente sabemos explicar a alguém porque deve o pé ser colocado no pedal de um modo determinado, dependendo da bicicleta e do tipo de atividade que se realiza com essa bicicleta. Esse conhecimento tem muitas formas de sair dos “bastidores”, sem ser distorcido. E, talvez mais do que documentado, esse conhecimento tácito pode ser já relatado.

Com a expressão do “conhecimento na prática e sobre a prática” pretendemos alargar uma conceção de prática proposta por D. Schön. Toda a prática é atravessada por processos mentais variados – que convocam memória, imaginação, juízo, etc. – para além da reflexão. A reflexão é já um caso de processo mental em que a tomada de consciência e a articulação discursiva emerge e domina no interior da prática, (seja no interior do próprio processo seja sobre o processo). O ciclista pode refletir enquanto corre, mas também – após a corrida – pode estudar e ser estudado para melhorar a sua performance. E este momento reflexivo sobre a prática é frequentemente uma investigação sistemática, mesmo que não científica. O que importa sublinhar é a distinção deste conhecimento prático relativamente aos dois tipos anteriores, e indicar que a forma da dissertação pode encontrar aqui o seu espaço próprio e mais produtivo.

É preciso, no entanto, rever atentamente aquilo que possa estar já desajustado das práticas atuais e também das atuais condições – educativas, científicas, económicas, políticas – de investigação académica, sem perder o seu centro.

Para fazer essa revisão, talvez tenhamos que nos concentrar nas questões fundamentais, à semelhança do que fez James Elkins, mas no contexto do nosso problema. Por exemplo, será importante pensar sobre: qual o contributo de cada trabalho prático para a sua área. Qual o contributo do trabalho prático para o nosso mundo? Qual o seu contributo para o investigador? Estas são as três questões fundamentais, mas depois podemos perguntar como é que uma investigação – produção de conhecimento validado e comunicável – contribuiu realmente para esses três resultados?

Uma investigação suportada por um projeto prático que procure ou implique a diferenciação do indivíduo – que é apenas um tipo de prática nas artes e no design, e cuja pertinência no mundo atual merece ser questionada relativamente a outros processos como: diferenciação comercial, inovação industrial ou práticas híbridas artísticas, DIY ou coletivas, mas também questionada relativamente à sua possibilidade e às suas consequência num ensino massificado – pode ser (contudo) um processo de ampliação da capacidade prática, de ampliação dos conhecimentos: pode recolher e aprofundar os saberes autóctones dessa área, (ou seja, tomá-lo como objeto de investigação, por exemplo, registar os saberes próprios de cada área, recolher o seu vocabulário próprio, as suas técnicas e instrumentos, as suas práticas singulares ou comuns, etc.).

Ou seja, e para concluir, um projeto prático assente na diferenciação individual – frequentemente proposto na ESAD.CR – pode ter boas justificações académicas, no grau de mestrado, se esse trabalho mostrar a ampliação de competências, ou se recolher e documentar processos, instrumentos e técnicas relevantes, ou, se fizer uma recolha e sistematização de saberes específicos, ou ainda se realizar uma atualização, etc.

Fundamentalmente, todos os processos práticos que estamos a tentar salvaguardar são orientados para a produção de construções e não para a produção de conhecimento (validado, operacionalizado através de diferentes metodologias, e sobre determinado objeto ou problema). O próprio processo prático de desenvolvimento do trabalho também é distinto. Intrinsecamente estas práticas não possuem uma sequência orientada para a validação, são orientadas para a efetivação – o que é muito diferente – de uma determinada construção – e, segundo diferentes critérios: artísticos, comerciais, industriais, etc. – e, portanto, a sua estruturação como uma investigação sistemática e regulada é-lhes (intrinsecamente) estranha. Existe ainda a dificuldade na comunicação: muitas operações práticas são operações de diálogo com os materiais, são tanto de concepção como materialização sintética, i. e. possuem múltiplas dimensões que não são nunca unívocas; e assim, estas práticas distanciam-se de modos de pensamento e comunicação mais analíticos e inequívocos e, por vezes, até do discurso em que uma investigação escrita, em contexto académico, se apresenta.

Neste momento, existem na ESAD.CR muitas práticas distintas; algumas abdicam da experimentação exploratória e são mais orientadas para a validação por teste (tornando-se mais próximas do âmbito das engenharias), ou mais para a transformação social (fazendo entrar em cena mais a área das humanidades e das ciências sociais), além disso, muitos alunos entendem os mestrados como uma etapa na sua formação para uma desejada carreira de investigação (em enquadramento institucional) ou, para desejavelmente, prosseguirem outros projetos, eventos e programas culturais ou sociais financiados – e, nestes casos já não é sequer a prática "tradicional" central das disciplinas das artes e do design o seu interesse. O risco maior é que todas estas mudanças nos passem despercebidas, sobretudo por preservarmos velhos critérios instalados, e consequentemente não nos questionamos e não lidamos com as mudanças que não são apenas nas intenções dos alunos, são mudanças nas realidades do mundo.

### 3. Estratégias de investigação (mais) frequentes

Como preservar a importância específica e a produtividade própria dos projetos – quanto essencialmente práticos - no âmbito de investigações académicas?

As diferentes formas de investigação-ação fornecem uma direção de resposta<sup>7</sup>. Mas, nesta altura queremos procurar alternativas possíveis, e sublinhar, que dependendo de cada prática poderão ser encontradas ainda outras respostas. A equipa de docentes, e sobretudo a equipa de orientação do trabalho, poderá contribuir para o reconhecimento dessas especificidades, e para encontrar a melhor estratégia para lidar com esse projeto prático.

Os exemplos que apresentamos de seguida foram selecionados entre mestrados feitos na ESAD.CR, nas artes plásticas, no design, mas também da gestão cultural. Embora estes exemplos se circunscrevam a determinados processos práticos não cremos que o alcance do que aqui procura ser discutido fique excessivamente limitado por esse facto.

#### 3.1. A investigação: tarefas

Qualquer que seja o trabalho é importante não perder de vista um conjunto de passos, de estratégias e estratagemas para organizar e planear.

Uma investigação pode articular quatro aspetos sendo que o trabalho prático pode ser central. Os outros três aspetos são os imprescindíveis a uma investigação, e foram definidos por Jean-Claude Kaufmann (2013): 1) um terreno, 2) os métodos usados para atingir uma compreensão crítica e validada, ou seja, para obter 3) uma teoria, ou seja, uma forma de conhecimento que torne mais inteligível o terreno escolhido.

Se por um lado o método científico – em sentido restrito - fornece uma validação através do que humanamente pode ser considerado mais próximo da “certeza”, por outro a inteligibilidade das áreas das artes e do design não deve ser sacrificada a um modo de validação que não pode verdadeiramente compreender o seu objeto específico, ou pelo menos, os aspetos que o investigador decidiu valorizar. Por isso podem ser usadas várias formas de validação pertinentes, que forneçam confiança suficiente, ainda que não necessariamente certezas, mas que fundamentalmente não desfiguram aquilo que se procura compreender e fazer.

Por outro lado, é necessário não reduzir a produtividade própria nem desfigurar os próprios processos práticos. Neles o critério da produção de conhecimento validado muito raramente ocupa o seu centro. Além disso, num qualquer projeto prático podem estar presentes conhecimentos diversos, tácitos ou não. Estão presentes também muitos saberes que não possuem validade regulada ou sequer explicitação; estão presentes ainda processos mentais – desde a reflexão à crítica, passando pela memória e pela imaginação – que não são saberes, mas são igualmente necessários; assim como estão presentes muitos “discursos” com funções muito variadas que não são um discurso reflexivo e analítico. Mas, qualquer investigação académica nestas áreas pode também recolher, sistematizar e operacionalizar esses “saberes autóctones”: os saberes, o vocabulário, as técnicas e instrumentos, as práticas de uma determinada área, (por exemplo, da área da pintura nas artes plásticas; por exemplo, um modo de fabrico no design). E essa recolha, e documentação, pode ser também um grande contributo.

**Erros frequentes:** como o projeto prático individual fornece o fio condutor ao trabalho, é tentador ignorar os outros aspetos da investigação.

**Sugestões:** um processo de investigação (num contexto académico, e não industrial por exemplo) insere-se numa comunidade profissional, científica e académica. Pode ser feito um mapa das instituições e atores – sobretudo profissionais, mas também científicos, e académicos – relevantes para esse projeto que o aluno está a realizar. Esse mapa, enquanto levantamento sistemático do território, é outro contributo útil.

**Exercício:** são bons exercícios preparatórios a realização de um diário de trabalho, e/ou a realização de memórias descritivas pormenorizadas e rigorosas do processo e dos seus resultados, e/ou observar-se trabalhando, (por exemplo, através de registo vídeo e de outros recursos).

**Exemplos:** seguem-se dois exemplos de dissertações que, embora muito diferentes, apresentaram soluções pertinentes na articulação entre o projeto prático individual e a investigação. A dissertação de Melissa Ganaha, Curadoria Marginal no Mestrado de Gestão Cultural, é um projeto prático de curadoria online que consegue articular conhecimento do terreno (ativismo online) e técnicas de investigação de diferentes disciplinas, e possui um encadeamento claro e económico na progressão da sua investigação. A Melissa Ganaha investigou para tomar de forma bem informada as decisões críticas necessárias ao seu projeto. A dissertação de Júlio Silva, Objeto em Fuga, do Mestrado de Artes Plásticas, articula saberes autóctones das artes com

uma problematização exemplarmente ajustada aos problemas e soluções do seu trabalho prático: as condições atuais de (im)possibilidade de uma prática artística (que se quer herdeira, mas não necessariamente tradicional).

### 3.2. Escolher o projeto prático.

A escolha do projeto, mas também do tema da investigação, é frequentemente difícil. Por vezes essa escolha está (obscuramente) já direcionada, e basta observar atentamente os trabalhos anteriores e seguir esse fio condutor (que estava até aí invisível).

Alguns critérios podem ajudar nessa tarefa. Apresentamos 4 critérios: importância; interesse; exequibilidade e retorno do projeto. O que significam estes critérios aplicados a um projeto prático?

O que é mais importante no projeto? Qual a importância desse projeto para a sua área e para o “mundo”? Quais são os pontos fracos e fortes do projeto? Porque é este projeto necessário? O que vai este projeto resolver?

Qual o interesse do projeto para o investigador? Na verdade, um projeto em contexto académico é movido por vários interesses que devem ser ponderados. Esses interesses são académicos – os técnicos e científicos estão definidos no edital das graduações – são profissionais, mas também são pessoais. Ou seja, tem que ter interesse pessoal para o investigador, e obviamente, em tudo isto deve estar também envolvido o gosto individual e o prazer nesse trabalho.

O projeto é exequível? Existem muitos limites que condicionam um projeto – tempo, acessibilidade (a documentos, ateliers, oficinas e laboratórios, pessoas, etc.), o dinheiro e outros recursos necessários ao projeto – que devem ser identificados o mais precocemente possível e avaliados.

Que retorno se espera do projeto? Existem muitos benefícios possíveis durante a realização do trabalho e após estar concluído. Esses benefícios são contributos académicos, técnicos e científicos, mas também retornos informais, tais como conhecer pessoas – profissionais da área ou não, académicos, empresários, investigadores, divulgadores, mediadores, etc. – testar tecnologias, criar um negócio, ou conhecer e experimentar outras práticas e outras instituições, etc.

**Erros frequentes:** O erro mais frequente é limitar o horizonte do Mestrado aos

interesses mais imediatos e mais pessoais. Este erro tende a ser ampliado pela idade jovem dos alunos.

**Sugestões:** para ajudar a decidir o projeto e/ou o tema ou a ideia da investigação pode ser feita uma grelha em que nas linhas se escreve os projetos possíveis que interessam e nas colunas podem ser especificados os critérios: importância, interesse, exequibilidade, retorno. Assim, o investigador poderá ter uma visão de conjunto dos prós e contras de cada um dos projetos, mas também o pode fazer para os temas ou ideias de investigação.

Neste passo a prudência e a modéstia desempenham um papel importante: o investigador deve propor-se atingir os objetivos do ciclo de forma clara e económica. Se depois conseguir exceder esses objetivos, melhor. É importante inserir o projeto prático e a investigação num “projeto” pessoal mais longo, e numa rede de instituições e agentes o mais lata possível, por exemplo, o investigador deve conhecer os centros de investigação ligados ao tema, os nacionais e os internacionais, conhecer as pessoas e as instituições no terreno, bem como as fontes de financiamento disponíveis (UNESCO, UE, FCG, etc.) e os agentes económicos dessa área.

**Exercício:** para responder a estes 4 critérios – importância, relevância, exequibilidade e retorno – é útil olhar atenta e criticamente para o trabalho individual; conversar com colegas sobre o trabalho ou escolher no trabalho de outros o que se considera relevante – por vezes, compreendemos melhor o que para nós é relevante através dos outros e dos seus trabalhos.

**Exemplos:** dado o que foi exposto anteriormente, podemos afirmar que o tema/ ideia da investigação não tem que ocupar o centro do projeto prático individual, nem tem que ser a ideia (sempre muito geral) com que se inicia um processo prático, ou sequer um tema muito convergente com a projeto prático; por vezes é meramente um contributo muito localizado para o projeto prático.

No mestrado de Design de Produto, o Diogo Carvalho concentrou-se num projeto prático com uma rara e grande engenhosidade experimental, deixando mais para a margem das suas preocupações o relatório intitulado “Ser-objeto”. Esta é também uma decisão possível. A dissertação de João Gabriel no Mestrado de Artes Plásticas, com o título “Dias Felizes”, centra-se em algumas condições do trabalho, por exemplo, a necessidade e o resultado de pausas e intervalos; e não tanto na análise do trabalho plástico; além disso, a estruturação inventiva do documento concilia um registo diarístico e outro ensaístico.

### 3.3. O fio condutor: o projeto/tema/ideia/questão/problema...

A área de estudo da investigação - nos exemplos aqui referidos: arte, design, gestão cultural – fornece o âmbito da investigação, e permite avaliar a importância do contributo. Embora as fronteiras de uma qualquer área de investigação nunca sejam claras ou definitivas, elas possuem saberes autóctones – vocabulário, saberes, técnicas e instrumentos, práticas e saberes – e abundantes casos de estudo que alimentam o trabalho prático e a compreensão crítica. A comparação entre casos de estudo é uma prática da prática profissional e da teoria, e é uma direção possível – se sistemática – para realizar os relatórios.

Além das especificidades das áreas, existem muitas transversalidades: temas, questões, métodos, e até modelos de pensar e fazer que são oriundos de outras áreas, e que são úteis ao trabalho do aluno.

Por motivos que são frequentemente corporativos e das agendas de poder muitas pessoas nas diferentes áreas apresentam pretensões algo “totalitárias” – tudo seria design, tudo seria curadoria, tudo seria arte, etc. – e por isso dispensam-se de saber o que pode realmente a sua área relativamente a um determinado tema/ideia. Assim, dispensam-se de explorar experimentalmente através das suas práticas o que podem resolver realmente em relação a esse problema ou conteúdo, acabando por produzir pouco mais que vacuidades retóricas, ou quando felizes, diatribes de pensamento.

### 3.4. Estruturação

#### Estado da arte

O “estado da arte”, explícito ou não, é uma maneira de posicionar o trabalho numa área, na medida em que o estado da arte permitiria avaliar um possível contributo de cada investigação para a sua área específica.

Frequentemente, nas ciências e nas humanidades, o início de uma investigação resulta de se saber “aos ombros de gigantes”, o que acontece menos frequentemente nos projetos individuais nas áreas do design, das artes, ou da gestão cultural. A razão mais significativa para isso é que nestas áreas o contributo é “particular”, por vezes muito condicionado por circunstâncias extremamente determinadas, incluindo pelo indivíduo. Por isso a recolha e análise dos casos de estudo – seja de técnicas, de processos e saberes, etc. – é tão importante nestas áreas.

Para fazer o estado da arte é importante recolher bibliografia geral sobre a área, e bibliografia específica e outra transversal – de diferentes disciplinas – sobre o tema. Mas, igualmente fundamental, é conhecer o “estado da arte” técnico, material, comercial, industrial, para o seu projeto.

### **Palavras-chave**

Nas áreas das artes, design e gestão cultural, as palavras-chave escolhidas fornecem uma zona operativa mesmo quando falta um fio condutor claro. Mais do que cinco palavras-chave podem deixar de organizar a investigação. Mas, ao longo da investigação, esse conhecimento prévio e inicial presente nas palavras-chave escolhidas, vai sendo refinado, e as palavras-chave vão sendo complementadas e clarificadas. Por exemplo, durante o processo de investigação, a palavra-chave inicial “cor” será complementada por “cor aparente” e seguidamente por “cores impressas e técnicas de impressão”.

### **Metodologias**

Algumas técnicas, instrumentos e métodos de investigação são frequentemente difíceis de compatibilizar com o processo do projeto prático individual, pelas razões referidas logo no início deste texto. Com a palavra “metodologias” designamos o conjunto de modos de recolher, organizar e validar os dados que suportam o que é feito e o que é afirmado.

### **Índice**

Redigir um índice é um instrumento de investigação tanto quanto uma forma de comunicação com os leitores.

Enquanto instrumento de investigação ele contribui para organizar o processo de investigação, de forma mais ou menos linear, mais ou menos sequencial, mais ou menos alicerçado no processo prático de investigação.

Enquanto técnica de comunicação (sobretudo, o índice final) a sua consulta deve revelar claramente ao leitor aquilo que vai ser avaliado; posteriormente poderá ser revisto para um leitor fora da academia. O que importa sublinhar é que durante o processo de investigação, os índices provisórios assemelham-se a planos de trabalho – definindo a forma geral e cada etapa da investigação –, e são regularmente refeitos de modo a organizar consistentemente a investigação de acordo com o seu curso.

## Calendarização

A calendarização inicial (provisória) deve organizar todas as fases e atividades da investigação no tempo disponível. Essa calendarização deve antecipar as reuniões de trabalho com o orientador, as revisões, e guardar tempo para as revisões finais. Ou seja, é útil planear o trabalho tendo em consideração o final do prazo.

### 3.5. Processo de investigação

Um processo de investigação sofre muitas alterações e a por vezes até ruturas, e nunca está completamente predefinido inicialmente. Por isso, investigar não conduz linearmente a um resultado pré-definido, nem é um círculo vicioso de que nunca se sai. O processo – a ser de investigação – implica uma progressão – o aumento da capacidade prática, dos conhecimentos e da inteligibilidade – mas também a revisão daquilo que era anteriormente conhecido ou pressuposto, assemelhando-se assim a um movimento em espiral<sup>8</sup> que é concluído quando se chega a um resultado suficiente (e/ou, com uma validade defensável).

Embora a ansiedade, a confusão e a ambição excessiva no início da investigação sejam frequentes, e até sejam eventualmente necessárias ao processo, existem algumas estratégias para organizar e assim facilitar e melhorar o processo de investigação.

**Sugestões:** Mensalmente atualize a sinopse rolante (em que explica num parágrafo a sua investigação a um adolescente imaginário), atualize o índice e o cronograma.

**Exercícios:** É importante ao longo do processo reunir grupos de trabalho para discutir o andamento do processo, pedir conselhos e referências, partilhar preocupações e resultados. Inicie a discussão com apresentações do trabalho prático, de forma a manter-se no que é essencial. Não se isole.

### 3.6. Escrever

Frequentemente, alguns investigadores das artes e design não se exercitaram na escrita, incluindo na escrita académica. É importante ter em conta que o processo de escrita, e sobretudo de reescrita, contribui para o próprio conhecimento e para a inteligibilidade, e assim, contribui também para a prática. Uma pergunta que deveria invariavelmente surgir nestas investigações é: como é que o processo de escrita contribui para o processo prático?

A escrita auxilia a memória, permite fixar e voltar atrás e ao reler pode-se repensar o que se escreveu; a escrita auxilia o esclarecimento ao permitir encontrar as palavras certas e ao permitir explicitar e criticar o que julgamos saber; o simples ato de reler o que foi escrito, algum tempo após a redação inicial, põe em evidência lacunas, muitos implícitos e erros.

As investigações não se escrevem, reescrevem-se. Começa-se a escrever, nem que seja com notas breves, e progressivamente o texto vai ficando mais claro, até à sua redação final. Por vezes, auxilia existirem grupos de discussão; ou gravar e transcrever monólogos ou conversas; pedir leituras críticas a colegas, amigos e família; ou mesmo, criar perguntas públicas com fóruns de discussão online (academia.edu; researchgate; etc.)

### 3.7. Apresentação pública

Num Mestrado, o projeto e o documento são apresentados e defendidos perante um júri numa prova pública que termina esse processo de investigação (no interior da academia). Assim, os resultados da investigação são comunicados e avaliados através do projeto final, do documento submetido e da prova pública.

O resultado da investigação – o projeto final, o documento submetido e a prova pública – não é o próprio processo de investigação. O processo de investigação – na esad.cr – é frequentemente centrado no trabalho de desenvolvimento de um projeto prático individual.

## 4. Conclusão

As estratégias e estratagemas aqui apresentados são apenas sugestões, e devem ser ajustadas a cada caso, e apenas se forem úteis; mas, o aluno deve experimentar algumas estratégias diferentes para escolher as que melhor se ajustam ao seu projeto, às suas condições, aos seus objetivos, e à sua pessoa, e também a um mundo que se vai renovando.

É por causa da renovação do mundo que é necessário renovar a discussão sobre as práticas, sobre as formas de investigação, e sobre a divergência, convergência ou conciliação entre elas.

## NOTAS

- <sup>1</sup> Encontrámos em Christopher Frayling uma formulação semelhante do problema.
- <sup>2</sup> Bill Buxton e David Hockney produziram textos relevantes nesta direção.
- <sup>3</sup> Gilles Deleuze, em *post-scriptum* sobre as sociedades de controlo, fornece-nos uma caracterização de algumas das transformações do ensino – sobretudo das figuras do “ensino profissional” e “formação contínua” – que são hoje ainda mais evidentes.
- <sup>4</sup> Existem muitos textos introdutórios e aprofundados sobre estes géneros discursivos. Uma boa introdução em português pode ser encontrada no livro de Edite Estrela, Maria Soares e Maria Leitão.
- <sup>5</sup> Richard Sennett, Matthew Crawford, entre outros, dedicaram estudos a esta questão.
- <sup>6</sup> O livro “The Tacit Dimension” fornece uma reflexão extremamente aprofundada sobre este tipo de conhecimento.
- <sup>7</sup> Clara Coutinho enuncia de forma sintética a estruturação da investigação-ação.
- <sup>8</sup> Bryan Lawson apresenta a espiral como a melhor imagem de um processo projetual.

## NOTA FINAL

Este documento foi criado para apoiar os meus orientandos; agora, desejavelmente, poderá contribuir para uma discussão sobre relações possíveis entre investigação e práticas na arte e no design.

- Buxton, B. (2010).** *Sketching user experiences: getting the design right and the right design*. Morgan kaufmann.
- Coutinho, C. P. (2014).** *Metodologia de investigação em ciências sociais e humanas*. Leya.
- Crawford, M. (2010).** *The Case for Working with Your Hands: Or why office work is bad for us and fixing things feels good*. Penguin UK.
- Deleuze, G. (2014).** *Pourparlers. 1972-1990*. Minuit.
- Elkins, J. (2013).** *Visual studies: A skeptical introduction*. Routledge.
- Estrela, E., Almira, M., & Soares, E. (2013).** *Saber escrever uma tese e outros textos*. Leya.
- Frayling, C. (1994).** Research in art and design. *Royal College of Art Research Papers, 1/1*.
- Hockney, D. (2001).** *Secret knowledge: Rediscovering the lost techniques of the old masters*. Thames & Hudson Ltd.
- Kaufmann, J. C. (2013).** *A entrevista compreensiva: um guia para pesquisa de campo*. Editora Vozes Lda.
- Lawson, B. (2006).** *How designers think: The design process demystified*. Routledge.
- Polanyi, M., & Sen, A. (2009).** *The tacit dimension*. University of Chicago Press.
- Schön, D. A. (2017).** *The reflective practitioner: How professionals think in action*. Routledge.
- Sennett, R. (2008).** *The craftsman*. Yale University Press